

## PERFORMANCES LINGÜÍSTICAS DE SUJEITOS TRANSLÍNGUES E APRENDIZAGEM DE ESPANHOL

*Linguistic performances of translingual subjects and Spanish learning*

Rafael Jefferson FERNANDES

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca - CEFET/RJ  
Doutorando em Linguística, Universidade Federal de Juiz de Fora  
rafael.fernandes@cefet-rj.br  
<https://orcid.org/0000-0002-8023-1604>

Ana Claudia Peters SALGADO

Universidade Federal de Juiz de Fora  
ana.peters@ufjf.edu.br  
<https://orcid.org/0000-0001-9768-2914>

**RESUMO:** Neste artigo, propomos algumas reflexões sobre práticas de linguagem performadas por alunos brasileiros de espanhol em uma rede social, o *Facebook*. Com o intuito de ressignificar a noção de língua enquanto um sistema estático e homogêneo (CANAGARAJAH, 2013), ancoramos nossas discussões nos estudos translíngues (CANAGARAJAH, 2013; GARCÍA; WEI, 2014) e buscamos, a partir de então, lançar outro olhar, com o objetivo de dar visibilidade às performances linguísticas de sujeitos translíngues. Assim, apoiados na linguística aplicada da desaprendizagem (FABRICIO, 2006) e compreendendo o papel de uma linguística do século XXI no que tange à episteme da vida local (MOITA LOPES, 2006), tencionamos, através da netnografia, refletir sobre a complexidade que envolve uma prática de linguagem local, dinâmica e processual, o *portunhol*. Os resultados apontam que as práticas de linguagem dos alunos são permeadas por exercícios de agência, revelando sua capacidade criativa.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas translíngues; Linguística Aplicada; Aprendizagem de língua; *Portunhol*.

**ABSTRACT:** This article proposes reflections on language practices performed by Brazilian learners of Spanish, in a social network, *Facebook*. In order to re-signify language as a static and homogeneous system (CANAGARAJAH, 2013; GARCÍA; WEI, 2014), we anchor our discussion in the translingual studies (CANAGARAJAH, 2013; GARCÍA; WEI, 2014) to give visibility to the performative competence of translingual learners (CANAGARAJAH, 2013). Thus, using the assumptions of the Applied Linguistics as an unlearning space

(FABRICIO, 2006) and assuming the role of a linguistics of the 21<sup>st</sup> century in the episteme of local life (MOITA LOPES, 2006) through an ethnographic approach, we aim to discuss a complexity that involves a local, dynamic and hybrid language performance, *portunhol*. The results show that students' language practices are permeated by agency exercises, revealing their creative capacity.

**KEYWORDS:** Translingual practice; Applied Linguistics; Language learning; *Portunhol*.

Querem convencer-nos de que existe uma **forma correta** de falar e escrever em espanhol, a forma de falar de determinados **centros de dominação**.

*Fabián Severo*

## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No âmbito da aprendizagem de línguas, nas últimas décadas, mais especificamente, vemos surgir discussões de natureza pós-colonial que têm colocado em xeque concepções reducionistas, normatizadoras e homogeneizantes, fortemente arraigadas e difundidas no campo dos estudos da linguagem.

Em oposição a ideias totalizantes, entendemos que a globalização, em seu estágio atual (KUMARAVADIVELU, 2006), tem produzido grandes transformações na forma como nos relacionamos. Assim, as mudanças na tecnologia de transporte, na tecnologia da comunicação e os trânsitos de pessoas em todo o globo potencializaram os diferentes tipos de laços existentes, entre eles, o econômico, o social, o cultural, e também o linguístico (DURANTI, 2011). Nesse contexto de intensificação da mobilidade de pessoas, textos, discursos e línguas, paradigmas emergentes no âmago da Sociolinguística e da Linguística Aplicada têm desafiado posicionamentos puristas (PIRES-SANTOS, 2017) acerca da linguagem, ressignificando a racionalidade positivista, monolíngue, que já não nos permite explicar a complexidade de nossos contextos e de nossas práticas linguísticas cotidianas.

Nessa direção, neste artigo, tencionamos, no contexto de aprendizagem<sup>1</sup> de língua

<sup>1</sup> Ecoamos as palavras de Mendes (2017) quando diz “ser imperativo entender a partir de qual lugar enxergamos a sala de aula de língua estrangeira hoje, e para qual lugar essa visão precisa ser deslocada, a fim de possibilitarmos o desenvolvimento não só linguístico, mas também social, dos aprendizes ali inseridos. O escopo deste estudo é, portanto, a sala de aula de língua estrangeira, e o foco de discussão se concentra em reflexões acerca da aprendizagem de LE dentro deste espaço” (MENDES, 2017, p. 17).

espanhola no Brasil, ampliar os debates mais atuais em LA. Para tanto, buscamos, lançando mão de uma abordagem qualitativa de base interpretativista, dos pressupostos da netnografia (AMARAL *et al.*, 2008; KOZINETTS, 2007) e de uma concepção de língua como prática local (PENNYCOOK, 2010), refletir sobre as práticas de linguagem performadas (MOITA LOPES, 2013a) por alunos brasileiros de língua espanhola, de uma escola pública da rede estadual de ensino, de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, em uma rede social, o *Facebook*.

Com o intuito de desenvolver nossa proposta, articulamos em nossas discussões as noções de prática translíngue<sup>2</sup> (CANAGARAJAH, 2013), *Translanguaging*<sup>3</sup> (GARCÍA; WEI, 2014) e Superdiversidade (VERTOVEC, 2007). Sob a ótica desses estudos e aproximando-nos de Zolin-Vez (2014), partimos do pressuposto de que a prática de *portunhol*<sup>4</sup> tem sido amplamente discutida através das noções de erro, insuficiência, amalgamação e interlíngua e, por isso, ostensivamente associada a um domínio insuficiente da língua espanhola (ZOLIN-VEZ, 2014). Em nossa perspectiva, entretanto, o *portunhol* - que constitui os *posts* no *Facebook*, uma prática complexa, fluída e processual, que emerge na fricção de repertórios linguísticos individuais (BUSCH, 2015; FABRICIO; MOITA LOPES, 2018) de sujeitos que se movem entre línguas - traduz a natureza heteroglósica da língua ao mesmo tempo em que revela a dinamicidade da linguagem e a complexidade dos repertórios linguísticos de sujeitos translíngues. Argumentamos, dessa forma, que essas novas indexicalidades corroboram a construção intersubjetiva dos sentidos e dão vazão à agência de nossos translíngues.

Afiliando-nos, então, à Linguística Aplicada como espaço de "desaprendizagem" (FABRICIO, 2006), o cerne<sup>5</sup> deste trabalho reside na busca por ultrapassar a noção de língua enquanto código e decolonizar os saberes acadêmicos dominantes a fim de ressignificar as práticas de linguagem, dando visibilidade às identidades performativas

<sup>2</sup> No original, *translingual practice* (CANAGARAJAH, 2013).

<sup>3</sup> Embora reconheçamos que autores brasileiros já tenham traduzido o termo, optamos por não o fazer. Isso se justifica, tal como pontua García *et al.* (2017), uma vez que ele "reflete nosso entendimento de língua(gem) como uma prática comunicativa dinâmica" (García *et al.*, 2017, p. 1).

<sup>4</sup> Embora assumamos a existência de inúmeros trabalhos no âmbito dos estudos literários que tratam do *portunhol* selvagem, bem como outros, nos estudos linguísticos, que tecem discussões acerca o *portunhol* fronteiriço, acreditamos que a proposta que constitui este trabalho filie-se a uma outra perspectiva, já que o *portunhol* discutido aqui é entendido como uma prática de linguagem complexa, dinâmica, fluída, processual e localmente produzida por brasileiros estudantes de espanhol, em fase de escolarização formal.

<sup>5</sup> Embora compreendamos que muitos trabalhos vêm construindo suas discussões a partir de "categorias" translíngues, explicitamos que esse não é foco de nossa proposta.

(PINTO, 2007) de sujeitos translíngues<sup>6</sup>.

Para desenvolver nossa proposta, organizamos este trabalho em cinco momentos. Inicialmente, introduzimos algumas considerações acerca de superdiversidade, transglobalidade e práticas de linguagem. Em um segundo momento, realizamos algumas incursões que problematizam a língua(gem) e introduzem nossa concepção de língua. Já no terceiro momento, apresentamos alguns apontamentos metodológicos que orientam, num quarto momento, nossas reflexões sobre práticas locais de linguagem. Por fim, no quinto e último momento, pinçamos elementos-chave de nosso texto, cingindo-os em uma sucinta articulação.

## **SUPERDIVERSIDADE, TRANSGLOBALIDADE E PRÁTICAS LOCAIS DE LINGUAGEM**

Em seu célebre texto intitulado “Como e por que teorizar o português: recurso comunicativo em sociedades porosas e em tempos híbridos de globalização cultural”, consubstanciado no livro “O Português no século XXI – cenário político e sociolinguístico”, Luiz Paulo da Moita Lopes (2013) pontua, a partir de uma discussão anedótica sobre o aumento vertiginoso de solicitação de vistos para entrada no Brasil, como a mobilidade de pessoas significa que o linguajar<sup>7</sup> (MIGNOLO, 2003, 2005), o uso de línguas diferentes na fala e na escrita, tende a aumentar. Essa intensificação dos trânsitos que acentuam não só no Brasil, mas em proporções globais favorece a mistura e o entrelaçamento de diversas ordens, entre elas, a étnica, a religiosa, a social e a linguística. A respeito desse novo contexto de atravessamentos, Blommaert (2013) argumenta que o que vemos é um aumento vertiginoso na tessitura da diversidade das sociedades contemporâneas, em que as relações entre sujeitos, linguagens e culturas (BLOMMAERT, 2013) são marcadas pela complexidade. Em outros termos, vivemos atualmente um cenário de superdiversidade (VERTOVEC, 2007).

---

<sup>6</sup> Para além da ideia de bilíngue, com o intuito de contribuir para emergência do paradigma translíngue (CANAGARAJAH, 2013), assumiremos ao longo do texto que nossos alunos são translíngues.

<sup>7</sup> Nas palavras de Mignolo (2003) “o linguajamento é o momento no qual uma “língua viva” (como diz Anzaldúa) se descreve como um estilo de vida (“un modo de vivir”) na intersecção de duas (ou mais) línguas. Nesse ponto tornam-se evidentes as diferenças entre o bilíngue e o bilinguismo, entre política linguística e linguajamento: o bilinguismo não é um estilo de vida, mas uma habilidade” (MIGNOLO, 2003, p. 358-359).

Em meio a esses novos padrões de atividade global (BLOMMAERT, 2010), ecoamos as palavras de Soares (2018) quando afirma que a “superdiversidade está em todos os lados, em todos os lugares, em graus variados” (SOARES, 2018, p.18). Assim, nessa diversidade que ganha maiores proporções com o surgimento da internet e em termos de mobilidade transglobal, intensificam-se os contatos sociolinguísticos e culturais, produzindo contextos plurilíngues em que falantes mobilizam em suas práticas cotidianas múltiplos recursos semióticos com o objetivo de atender suas necessidades interacionais contingências. A respeito desses recursos, Blommaert (2010) afirma que eles constituem os repertórios<sup>8</sup> linguísticos dos falantes. Em outras palavras, o que estamos dizendo é que esses repertórios são:

construídos a partir pedaços e peças de ‘línguas’ convencionalmente definidas, assumindo a forma de registros e gêneros, de padrões específicos de língua em formas comunicativas tais como um cartão telefônico, um pôster ou um letreiro comercial. O alvo de nossa análise são os recursos, e mesmo que tais recursos possam ser convencionalmente identificados como ‘pertencentes’ a uma língua X ou Y, é bom lembrar que o ponto chave é a remoção de tais recursos de suas origens convencionais. [...] Isto, eu diria, é uma sociolinguística de recursos móveis, não mais uma sociolinguística de línguas móveis<sup>9</sup> (BLOMMAERT, 2009, p. 43).

Essa compreensão de língua como um conjunto de recursos vai ao encontro da concepção de língua como prática local defendida por Pennycook (2010). Para o autor, a língua deve ser concebida como “uma atividade em vez de estrutura, como algo que fazemos em vez de um sistema do qual nos valem, como uma parte material da vida social e cultural em vez de uma entidade abstrata”<sup>10</sup> (PENNYCOOK, 2010, p.1).

Nessa mesma linha de pensamento, Moita Lopes (2006) argumenta que os estudos linguísticos modernistas, calcados em um ideal de uma língua pura correspondente a um

<sup>8</sup> Para uma melhor compreensão dessa noção de repertório, recomendamos a leitura de Busch (2015).

<sup>9</sup> No original: “constructed out of bits and pieces of conventionally defined ‘languages’ and concretely assuming the shape of registers and genres, of specific patterns of language in communicative forms such as a phone card, a poster or a shop sign. The target of our analysis is resources, and even if such resources can be conventionally tagged as ‘belonging’ to language X or Y, it is good to remember that the whole point is about the dislodging of such resources from their conventional origins. This, I would say, is a sociolinguistics of mobile resources, no longer a sociolinguistics of immobile languages.” (Todas as traduções são dos autores).

<sup>10</sup> No original: “To look at language as a practice is to view language as an activity rather than a structure, as something we do rather than a system we draw on, as a material part of social and cultural life rather than an abstract entity.”

estado-nação, têm sedimentado desigualdades de classe social, raça, gênero etc., uma vez que ao privilegiar o imaginário de uma língua neutra, autônoma, transparente e representacional se produz, conseqüentemente, o apagamento da vida social. O autor, valendo-se do pensamento de Yngve (1996), afirma que “precisamos pensar as línguas com base na comunicação que ocorre entre as pessoas, enraizada nas práticas” (MOITA LOPES, 2006, p.106) e não como “uma coisa que tem vida própria fora e acima dos seres humanos” (YNGVE, 1996, p. 28 *apud* MOITA LOPES, 2006, p. 106). É precisamente nesse sentido que este trabalho encontra sua razão de ser.

Se por um lado, como afirma Jacquemet (2005):

a maioria dos estudos linguísticos contemporâneos estão ainda sob a influência do mito de babel: do desejo ideológico de manter barreiras linguísticas, alocar as pessoas em seus respectivos territórios, conectar as línguas com a emergência do sentido de identidade nacional <sup>11</sup> (JACQUEMET, 2005. p. 273),

por outro, em especial no âmbito da Linguística Aplicada, inúmeros estudiosos têm se dedicado a desnaturalizar a ideia de homogeneidade, pureza e estabilidade das práticas de linguagem, enfocando as negociações e as produções locais de significado, o que Moita Lopes designa “episteme da vida local” (MOITA LOPES, 2006, p. 118). Para além da ruptura paradigmática, que desestabiliza bases epistemológicas de ideologias coloniais de linguagem (MIGNOLO, 2003; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2017), entendemos que esses trabalhos contribuem para a construção de uma linguística do corpo social, uma vez que enxergam práticas de linguagem como materialidades performativas, localmente produzidas por sujeitos situados em um contexto sócio-histórico-político-discursivo, e não apenas como abstrações de códigos ou construtos confinados a uma ideia de língua-comunidade-território.

---

<sup>11</sup> No original: “Most contemporary linguistic studies are still under the influence of the Babel myth: of the ideological desire to maintain a linguistic boundaries, allocate people to their respective territories, connect languages with the emergence of the sense of national identity.”

## LÍNGUA PARA ALÉM DO CÓDIGO: PERSPECTIVAS TRANSLÍNGUES PARA SUJEITOS QUE SE MOVEM ENTRE LÍNGUAS

Nas últimas décadas, os estudos translíngues ganharam considerável propulsão na arena dos estudos da linguagem. Isso deve, substancialmente, aos esforços de pesquisadores em todo o mundo de ultrapassar, ou nas palavras de García e Wei (2014) “*go beyond*”, epistemologias enraizadas, na busca pela compreensão das dinâmicas complexas que subjazem as negociações e as produções de sentidos locais em tempos de superdiversidade.

A respeito dessa tentativa de compreensão, que marca o que Lee (2017) considera como sendo a “virada translíngua”<sup>12</sup>, emergem, nas palavras do próprio autor, não sem tensões, inúmeros termos<sup>13</sup>:

*translingual practice* (CANAGARAJAH, 2013), *translingualism* (BAKER, 2001; CREESE; BLACKLEDGE, 2010; GARCÍA, 2009; GARCÍA; WEI, 2014; WILLIAMS, 1994); *transglossic language practices* (SULTANA; DOVCHIN 2017; SULTANA *et al.*, 2015), *translingual dispositions* (CANAGARAJAH 2013; HORNER *et al.*, 2011; LEE; JENKS 2016), *codemeshing* (CANAGARAJAH 2006; YOUNG, 2004), *polylingual languaging* (JØRGENSEN, 2008), *fragmented multilingualism* (BLOMMAERT, 2010), *metrolingualism* (OTSUJI; PENNYCOOK 2010; PENNYCOOK, 2010; PENNYCOOK; OTSUJI, 2015) e *postmultilingualism* (GRAMLING, 2016). (LEE, 2017, p. 3).

De acordo com o Lee (2017), embora haja consideráveis divergências conceituais, uma característica comum entre esses termos, independente dos rótulos, reside na “preocupação explícita com a fluidez e a negociabilidade das fronteiras linguísticas permeadas na possibilidade de a que língua(gem) nunca é normativa mas, ao contrário, sempre negociável<sup>14</sup>” (LEE, 2017, p. 3). Nesse sentido, ao cingir, nas próximas linhas, os termos prática translíngua (CANAGARAJAH, 2013) e *translanguaging* (GARCÍA; WEI,

<sup>12</sup> No original: *Translingual turn*. Assumimos aqui a tradução proposta por Oliveira (2018), em seu trabalho sobre a paisagem linguística de Juiz de Fora - cuja referência disponibilizamos no fim deste trabalho.

<sup>13</sup> Entendemos que abordar cada um desses termos foge ao escopo deste trabalho. No entanto, acreditamos que seja importante introduzi-los ao leitor.

<sup>14</sup> No original: “one common characteristic among this scholarship, irrespective of the label used, is the explicit concern with the fluidity and negotiability of language boundaries, premised on the possibility that language is never normative but instead always negotiable”.



2014), estaremos focalizando, primordialmente, características comuns entre essas duas propostas.

Conforme García e Wei (2014), o termo *translanguaging* surgiu no País de Gales e foi usado pela primeira vez por Cen Williams que, em 1994, desenvolveu uma teoria sobre as alternâncias de línguas. Em sua acepção original, *translanguaging* é uma tradução do termo galês *trawsieithu* e refere-se a uma prática pedagógica em que o insumo é dado em uma língua e a resposta em outra língua. Trata-se de uma prática na qual os estudantes são levados a alternar línguas, o que na visão de Williams (1994) poderia contribuir para um melhor entendimento do conteúdo das aulas, bem como para o uso<sup>15</sup> das línguas nesse espaço.

Em seus estudos realizados com crianças bilíngues nos Estado Unidos, García (2009) pontua que a noção de *translanguaging* diz respeito “às múltiplas práticas linguísticas, nas quais sujeitos bilíngues se engajam para que o seu mundo bilíngue faça sentido” (GARCÍA, 2009, p. 45). Assim, afastando-se de uma perspectiva de separação total das línguas, os indivíduos não possuem competências separadas para cada uma das línguas, mas um repertório linguístico do qual selecionam<sup>16</sup> estrategicamente características específicas para produzir sentidos em suas interações.

Assumindo a perspectiva anterior, García e Wei (2014) ampliam a discussão acerca da noção de *translanguaging* ao postularem que as hibridizações fazem parte de um processo criativo que invocam, em um contexto sócio-histórico-cultural específico, a negociação de novas práticas de linguagem, que permitem a emergência das identidades bilíngues. Nessa lógica, como discorrem os autores, essa concepção vai muito além de uma simples mescla ou alternância de código, ideias implicadas, respectivamente, nas noções de *code-mixing* e *code-switching*. Assim, assumir uma abordagem translíngue envolve reconhecer e validar práticas de linguagem estigmatizadas, o que implica uma questão de justiça social com determinados grupos.

---

<sup>15</sup> Embora compreendamos que a noção de “uso da língua” seja uma ideia bastante empregada nos estudos da linguagem, a concepção de língua(gem) que constitui este trabalho afasta-se radicalmente dessa perspectiva, já que o “uso” nos remete a algo pré-estabelecido, pronto. Preferimos, outrossim, dizer que performamos nossas práticas linguísticas.

<sup>16</sup> Embora compreendamos a perspectiva da autora, assumimos neste trabalho o caráter performativo do repertório.



De forma análoga, Canagarajah (2013) parte do que denomina “orientação monolíngue<sup>17</sup>” e desafia concepções tradicionais de língua(gem), produzindo uma ruptura com discursos mais centralizadores e resistentes à diversidade. A partir de trabalhos etnográficos desenvolvidos no contexto acadêmico, o autor propõe a noção de *translingual practice* (CANAGARAJAH, 2013) cujos pressupostos ancoram-se em dois conceitos-chave, que são: (i) a comunicação transcende as línguas e (ii) a comunicação envolve diferentes recursos e aspectos ecológicos. Nesse pensamento, a competência linguística dos sujeitos não consiste em competências separadas para cada uma das línguas, mas em uma multicompetência que opera simbioticamente para as diferentes línguas no repertório linguístico do falante.

Da mesma forma, o pesquisador advoga que as línguas estão sempre em contato, influenciando-se mutuamente, e que “em contexto de diversidade linguística os significados não emergem a partir de um conjunto compartilhado de normas gramaticais, mas através de práticas de negociações em situações locais” (CANAGARAJAH, 2013, p. 8). Isso significa dizer que a competência translíngue se fundamenta não em uma competência gramatical, mas, sobretudo, em uma competência performativa. Sobre a perspectiva da *práxis*, Canagarajah (2013) pontua que:

a perspectiva baseada na prática não significa que as construções competitivas, tais como forma/gramática, estrutura/sistema, comunidade e cognição são desconsideradas. Elas desempenham um papel na prática translíngue, mas não permanecem autônomas e primárias, tampouco desempenham o mesmo papel e definições tal como nos modelos tradicionais. Elas são redefinidas e reconfiguradas de acordo com a perspectiva baseada na prática (CANAGARAJAH, 2013, p. 33-34).

De acordo com Canagarajah (2013), a comunicação envolve diversos recursos semióticos, sendo a língua apenas um entre muitos outros, como símbolos, ícones e imagens, que operam juntos, de forma capacitante, na construção de sentidos. Em função disso, o pesquisador argumenta que o termo translíngue implica uma orientação mais dinâmica, em que as línguas “*mesh*<sup>18</sup>” de forma transformativa, produzindo novos sentidos

<sup>17</sup> De acordo com Canagarajah (2013), dentro deste paradigma, uma comunicação eficiente deve ser sustentada por uma língua que seja comum e que apresente normas compartilhadas, geralmente emanadas do uso da língua do falante tido como ideal ou nativo.

<sup>18</sup> Optamos por manter o termo utilizado pelo autor que preserva a ideia implicada que é a de uma malha tecida com diferentes fios que dão vida a uma nova configuração. De acordo com Oliveira (2018), o termo,

e novas gramáticas.

A perspectiva de *traslanguaging* que assumimos aqui se aproxima de Li Wei (2018), isto é, uma teoria prática da linguagem. Por esse espectro, argumentamos que o fenômeno do *translanguaging*, para além da materialidade linguística – aquilo que é claramente visível –, envolve processos multimodais e autorais de criação de repertórios nos quais sujeitos de linguagem projetam suas experiências corpóreas com a linguagem. Com esse enfoque, entendemos, portanto, que ao assumirmos essa perspectiva da práxis, corroboramos a ideia de dinamicidade, fluidez, negociabilidade e performatividade que se exige de um estudo em língua(gem) em um mundo desterritorializado, onde pessoas e línguas estão em constante movimento (MOITA LOPES, 2006).

## CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Este estudo orienta-se por uma perspectiva interacional de base interpretativista nos estudos qualitativos da linguagem. A respeito da perspectiva qualitativa, Denzin e Lincoln (2006) elucidam que ela:

implica uma ênfase nas qualidades das entidades e nos processos e os significados que não são examinados ou medidos experimentalmente (se e que são medidos de alguma forma) em termos de quantidade, volume, intensidade ou de frequência (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 23).

Por esse viés, nossa proposta de discussão origina-se a partir de dados gerados na rede social *Facebook*. Embora as informações contidas nesse espaço sejam de domínio público, com o intuito de preservar a identidade de nossos sujeitos translíngues, ainda menores, consubstanciamos suas práticas de linguagem em duas tabelas e, igualmente,

---

como verbo, suscita uma ação de entrelaçamento harmônico, de encaixe. A respeito dessa rede, o autor propõe, em sua dissertação de mestrado, uma imagem que ilustra a ideia implicada no *mesh*, que apresentamos abaixo:

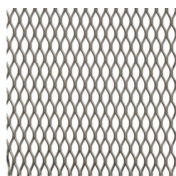


Figura - ilustração do arranjo característico de *mesh* (OLIVEIRA, 2018, p. 93).

optamos por descaracterizar seus nomes. Assim, em nossa análise, por uma questão ética, preferimos designar nossos sujeitos como aluna A, aluno B, aluno C e professor, ou seja, suas identidades institucionais.

No que tange especificamente aos dados, para este artigo, selecionamos duas postagens realizadas por uma aluna do primeiro ano do ensino médio, de uma escola pública da rede estadual de ensino, de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais. Entendemos, portanto, que este trabalho se auxilia na netnografia (KOZINETS, 2007), uma abordagem específica para a compreensão das comunicações mediadas por computador. No que concerne ao método netnográfico, Kozinets (2007) afirma que as análises netnográficas “podem variar ao longo de um espectro que vai desde ser intensamente participativa até ser completamente não-obstrutiva e observacional” (KOZINETS, 2007, p.15). Tendo em vista a participação de um dos autores na construção de espaços translíngues (CANAGARAJAH, 2013) e sua relação como os sujeitos translíngues, nos consideramos, dentro da escala anteriormente mencionada, como sendo intensamente participativos.

A ideia de propor uma discussão com base em práticas de linguagem performadas na rede social *Facebook* surge, uma vez que “devido à sua capacidade de colocar textos em circulação, ambientes digitais possibilitam descentramentos textuais incessantes, ao replicarem-criarem textos em velocidade sem precedentes” (FABRICIO e MOITA LOPES, 2018, p.770). A esse respeito, assumimos as palavras de Souza, Silva e Menezes (2018) quando dizem que:

Nos dias atuais, estamos diante de cenários digitais que abrigam as mais diversificadas formas de interação humana na grande teia de alcance mundial e que permitem aos estudiosos da comunicação e da linguagem, como é o nosso caso, as mais variadas perspectivas investigativas. Neste contexto, temos as redes sociais como meios que absorvem, reproduzem e ressignificam práticas humanas representadas e reproduzidas na e pela linguagem (SOUZA; SILVA; MENEZES, 2018, p. 255).

Por isso, na próxima seção, discutimos os *posts*<sup>19</sup> que fundamentam nossa

---

<sup>19</sup> Por uma questão ética, não foi possível consubstanciar neste texto as imagens que gostaríamos. Compreendemos, no entanto, que para a discussão de um fenômeno complexo como o *translanguaging* é extremamente relevante a articulação entre multimodalidade e estrutura linguística. Por isso, nos comprometemos, em um futuro próximo, após a aprovação de nosso projeto no comitê de ética da Universidade Federal de Juiz de Fora, ampliar as discussões aqui propostas.

argumentação e, com base nos estudos translíngues, sustentamos que as complexas práticas de linguagem que os constituem fazem emergir as identidades translíngues de nossos alunos.

## PRÁTICAS TRANSLÍNGUES NO *FACEBOOK*

Os *posts* que discutimos nesta seção foram publicados por alunos na rede social *Facebook*. Os estudantes, brasileiros e estudantes de espanhol do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública da rede estadual de ensino, do estado de Minas Gerais, como veremos a seguir, performam práticas de linguagem que emergem da fricção de seus repertórios individuais. Tais práticas desafiam concepções totalizantes e normatizadoras, reforçando a necessidade de que os estudos da linguagem busquem revisar seu aparato conceitual, com o objetivo de tentar significar as diversas formas de apropriação e de performance de recursos comunicativos em contextos plurilíngues.

Tabela 1 – *Post do Facebook* – aluna A

Aluna A	<i>Bién pliena \$</i>
---------	-----------------------

Como pode ser observado na tabela 1, a aluna A performa o que parece ser uma simples descrição da atualização de sua foto do perfil. A partir da mobilização de seu repertório linguístico, lança mão de traços reconhecidos como pertencentes à língua espanhola, produzindo “*bién pliena*”. O leitor mais familiarizado com as redes sociais certamente perceberá, no entanto, que essa prática de linguagem parece ressemiotizar<sup>20</sup> (2011) um meme<sup>21</sup>, amplamente conhecido e compartilhado nas redes sociais brasileiras. O texto a que nos referimos ganhou força nas redes sociais no ano de 2018 e surgiu a partir da atuação do cantor Filipe Kartalian, conhecido com Fiuk, que interpretou o personagem “Ruy” na telenovela “A Força do Querer”, exibida pela Rede Globo. Com base em sua atuação, que repercutiu negativamente, os internautas brasileiros lançaram um “fiukômetro”, orientado pela pergunta “qual Fiuk você está se sentindo hoje?”.

<sup>20</sup> De acordo com Iedema (2003), a ressemiotização refere-se às mudanças que ocorrem quando um texto em seu contexto original é transposto para outro contexto e, assim, novas semioses são acrescentadas.

<sup>21</sup> De acordo com Inocencio e Lopes (2015), “os memes de internet são artefatos culturais, elaborados por usuários que ressignificam assuntos cotidianos, conteúdos midiáticos e discursos sociopolíticos” (INOCENCIO; LOPES, 2015 p. 1).

Dito isso, ao procedermos a um olhar mais atento à performance da aluna A, observamos que nesse *post* ela funde recursos verbais e não verbais que, criativamente, se combinam produzindo novas indexicalidades que não podem ser significadas senão por uma compreensão de língua como prática local (PENNYCOOK, 2010). Numa perspectiva mais estruturalista, orientada por uma visão monolíngue<sup>22</sup>, poderíamos dizer que a aluna, além de realizar uma tradução literal de uma expressão do português (“bem plena”), transgredir normas convencionalizadas da língua espanhola e, ao produzir uma ditongação da palavra “plena”, *erra*, ou, na visão do senso comum, produz um *portunhol*<sup>23</sup>. No entanto, filiando-nos ao paradigma translíngue (CANAGARAJAH, 2013), convidamos nosso leitor para um outro olhar, isto é, buscar perceber a complexidade que subjaz a essa produção que, para além da fusão de códigos ou desvios dos padrões normativos, reflete performances sociais que, ao enfeixarem e negociarem novos sentidos, propiciam a emergência das vozes de sujeitos translíngues (GARCÍA e WEI, 2014).

Ao transpor os muros da normatividade linguística e “hibridizar” os recursos que constituem e potencializam seu repertório (GARCÍA, 2009; BUSCH, 2015), a aluna A o faz em um contexto sócio-histórico-cultural específico, negociando suas práticas de linguagem e projetando potenciais interlocutores. Em outras palavras, ela se move entre aquilo que socialmente se convencionou chamar de língua, o português e o espanhol. Assim, ao alinhar uma diversidade de recursos semióticos no *post*, o cifrão, um símbolo monetário, a aluna A corrobora as palavras de Canagarajah (2013), para quem a língua é apenas um recurso entre muitos outros. Seu conjunto semiótico parece reivindicar uma série de valores sociais que não podem ser significados senão através de um estudo da “episteme da vida local” (MOITA LOPES, 2006, p. 118).

Defendemos, ainda, que ao performar suas práticas de linguagem e, assim, produzir sua autorrepresentação na (e pela) linguagem, a aluna A nos revela “pistas” sobre









<sup>22</sup> Segundo Canagarajah (2013), o paradigma monolíngue orienta-se a partir dos seguintes pressupostos:

- Language = Community = Place.
- 1 language = 1 identity.
- Language as a self-standing system.
- Languages as pure and separated from each other.
- The locus of language as cognition rather than social context, or mind rather than matter.
- Communication as based on grammar rather than practice, and form isolated from its ecological embeddedness (CANAGARAJAH, 2013, p. 20).

<sup>23</sup> Entendemos que na visão do senso comum, o termo *portunhol*, por sua própria formação morfológica, tem sido amplamente utilizado para estigmatizar práticas híbridas que compartilham traços linguísticos do português e do espanhol.

sua trajetória biográfica cujos índices apontam para seus movimentos de construção identitária. Isso reflete, entre outros elementos, sua história de vida, seu contato com o mundo e seus sentimentos. Dessa forma, sua materialidade linguística, o *portunhol*, altamente estigmatizado, transborda suas experiências corpóreas em que os recursos linguísticos são ininterruptamente performados e negociados nos diversos espaços comunicativos nos quais os sujeitos de linguagem estão inseridos.

Tabela 2 – Post de Facebook:

ALUNO (A)	PUBLICAÇÃO
Aluna A	muy bela siempre *_*
Aluno B	oh la chica estas muy hablante miesmo guapinha SZ  1
Aluna A	siempre siempre hermanino sz  1
Aluno C	Ta mutio habaldora di ispanol mesmo  2
Aluna A	:logico kkkkkkkk siempre  1
Professor de espanhol	Guapísima y arraziane!  1
Aluna A	siempre, y guapo és tu! kkk  1
Professor de espanhol	 , tmj!!!  1

A tabela acima consubstancia o segundo *post* da aluna A, no *Facebook*. Assim como na tabela 2, a aluna A, a partir da mobilização de seu repertório linguístico (BUSCH, 2015), se move entre línguas performando e “hibridizando” traços linguísticos que são reconhecidos como português e espanhol. Em um primeiro momento, sob as lentes do paradigma monolíngue (CANAGARAJAH, 2013), poderíamos dizer que ela mescla elementos desses dois códigos e produz, por isso, “muy bela siempre”, uma prática de linguagem não legitimada pelos padrões normativos do espanhol, uma vez que “bela” não faz parte da língua espanhola, o que, nessa visão, poderia ser entendido como uma transferência lexical. Não obstante, com base no que discutimos ao longo do texto, nossa proposta consiste em deslocar esse olhar colonial que tem perpetuado desigualdades e

silenciado as vozes criativas de sujeitos translíngues em contexto formal de aprendizagem. Em outras palavras, no contexto brasileiro, os alunos de língua espanhola, em especial, devido à proximidade das línguas, têm tido suas práticas de linguagem estigmatizadas por parte de uma percepção que privilegia, como apresentamos em nossa epígrafe, “as formas corretas” de determinados centros de dominação e que, ainda hoje, defendem uma língua transparente, autônoma e representacional (MOITA LOPES, 2006). Frente a isso, acreditamos que o grande desafio da adoção de uma abordagem translíngue resida no desafio de romper com os pressupostos monolíngues, impingidos coercivamente em nossos corpos. É nesse sentido que esse *post* e seus comentários nos permitem construir nossas reflexões.

Na tabela 2, imediatamente após seu *post*, a aluna A recebe comentários dos seus colegas de sala e de seu professor de espanhol. A aluna A, o aluno B, o aluno C e o professor, a partir de então, se engajam na construção de práticas locais de linguagem, movendo-se entre línguas, performando e negociando sentidos. Nesse espaço de interação, além das trajetórias socioculturais dos sujeitos translíngues, as relações de poder são evidenciadas e ratificadas.

O aluno B, o primeiro a comentar o *post*, parece legitimar o *portunhol* da colega, negociando, para tanto, os sentidos de suas próprias práticas translíngues, de seu *portunhol* que, tal como propõe Canagarajah (2013), constroem uma malha tecida com diferentes fios que dão vida a uma nova configuração, permitindo, assim, que sua voz emergja. Em resposta ao comentário do aluno B, a aluna A reage de forma positiva, reconhecendo a posição do colega de que ela estaria “muy hablante”. Igualmente, o aluno C insere-se na discussão, sustentando, também, esse posicionamento. Na sequência, Rafael, o professor, além de corroborar o ponto de vista dos translíngues, legitima tais práticas locais de linguagem, criando, para isso, o que Canagarajah (2013) denomina espaços translíngues. Em outras palavras, o professor, ao transgredir convenções estabilizadas nos padrões normativos, favorece a produção de estratégias e de negociação de práticas de linguagem. Através de seu comentário, de onde emergem rearranjos que vão ao encontro das novas indexicalidades performadas pelos translíngues, ele transgride ideologias coloniais de linguagem cujas premissas apontam, entre outros pressupostos, para a comunicação baseada na gramática.

Nossos sujeitos translíngues mais do que “usar” os códigos português e espanhol –



ou transitar por eles – lançam mão de um conjunto de recursos para performar os seus próprios recursos. Suas práticas de linguagem, multimodais, revelam a complexidade de seus repertórios que se encontram em fricção e, ademais, suas relações com a linguagem. Como dissemos anteriormente, essas práticas de linguagem, materializadas no *portunhol*, indexicalizam uma série de valores e de ações que constituem os repertórios individuais, as trajetórias sociais, as oportunidades e as experiências com a linguagem.

Neste ponto, mais do que tentar construir reflexões acerca dos processos morfológicos, sintáticos e fonético/fonológicos (o que já vem sendo feito há décadas sob as lentes do monolinguismo) que subjazem a essas práticas legítimas e próprias de sujeitos translíngues, nos interessa pensar como esses alunos, em fase de escolarização, mobilizam e negociam suas práticas translíngues, seu *portunhol*, com vistas a construção de uma ecologia local.

Argumentamos, então, que os três alunos e o professor, com seus repertórios individuais, performam práticas de linguagem permeadas por exercícios de agência (STREET, 2003), criatividade, dinamismo, fluidez, negociabilidade e imprevisibilidade. É a partir de suas performances translíngues que eles significam e agem no mundo, mobilizando em seus repertórios linguísticos um conjunto de recursos que é, contingencialmente, constantemente negociado. Para além dos movimentos verbais, nesse *post*, nossos sujeitos translíngues lançam mão de múltiplos recursos semióticos – como as reações disponíveis no *Facebook* – o que nos permite dizer que na fase atual da globalização, uma concepção de língua que privilegia a estrutura parece ser insuficiente para refletir sobre interações plurilíngues cada vez mais complexas.

### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ATÉ AQUI

Neste trabalho, sob as lentes da linguística aplicada como espaço de "desaprendizagem" (FABRICIO, 2006), nos propusemos a lançar outro olhar para as práticas de linguagem performadas por alunos brasileiros de língua espanhola, em uma rede social, o *Facebook*. Procuramos, ainda, através de uma discussão orientada pelos estudos translíngues (CANAGARAJAH, 2013; GARCÍA, 2009; GARCÍA; WEI, 2014; WEI, 2018) realizar algumas reflexões, ainda que embrionárias, com o intuito de ressignificar a noção de língua enquanto um sistema estático e homogêneo (GARCÍA;

WEI, 2014; CANAGARAJAH, 2013), problematizando o mito da homogeneidade linguística que apregoa a construção e a compreensão de sentidos baseados na tradição da norma gramatical. Com isso, acreditamos que nossa proposta de discussão tenha inserido o leitor num debate que tem buscado ressignificar ideologias coloniais de linguagem (MIGNOLO, 2003; NASCIMENTO; OLIVEIRA, 2017), enfatizando, para tanto, as performances linguísticas de sujeitos translíngues e a negociabilidade dos sentidos localmente produzidos.

Em nosso contexto, defendemos que o *portunhol*, uma prática que tem sido ostensivamente estigmatizada, revele a capacidade criativa de sujeitos translíngues de alinhar recursos semióticos com recursos ambientais e sociais, refletindo, portanto, seu engajamento na co-construção de sentidos em suas interações locais, que produzem uma constante reconfiguração de normas, de repertórios e dão visibilidade às identidades performativas.

Nossos translíngues, brasileiros, estudantes de uma escola pública de periferia de uma cidade do interior do estado de Minas Gerais, que não faz fronteira com países hispano-falantes e cuja colonização não foi feita por hispano-falantes, transitam entre o português e o espanhol, produzindo ações e negociando sentidos que só podem ser significados por meio de uma concepção de língua como prática local. Através de suas práticas translíngues, de seu *portunhol*, eles nos revelam que suas performances estão permeadas por exercícios de agência, que lhes permitem ininterruptamente significar o mundo.

Argumentamos, ainda, que o contato dos jovens com a língua espanhola se dá, certamente, por dois caminhos: um bem monitorado, a escola. Outro bastante conhecido e pouco monitorado, a internet. É esse segundo que eles escolhem como o lócus de sua performatividade linguística, recorrendo a breves textos para falar muito sobre si mesmos.

Acreditamos que este trabalho, por sua própria inspiração aplicada, possa contribuir para a emergência de uma orientação mais dinâmica e fluida no contexto da educação linguística brasileira. Defendemos que é necessário questionar e ressignificar os discursos coloniais impregnados em nossos corpos. Para isso, assumindo que a língua(gem) é um fenômeno ideológico por excelência, advogamos que práticas de linguagem sejam examinadas para além do seu desabitado aspecto formal, isto é, é preciso pensar as ações, as negociações de sentido e as rupturas com os padrões normativos como

uma forma contingencial de produzir voz, autoria.

No contexto de aprendizagem de língua espanhola no Brasil, este trabalho se apresenta, portanto, como mais uma possibilidade de examinar as práticas de linguagem de brasileiros falantes de espanhol. Pretendemos, com base no que postula Fabrício (2006), desestabilizar sentidos essencializados e dogmas mumificados. Advogamos pela desnaturalização das noções de erro, insuficiência, incompetência, inabilidade e não progressão, que estão calcificadas no imaginário brasileiro e buscamos, então, um deslocamento desse olhar para uma percepção que privilegia as noções de engajamento, agentividade, negociação, performatividade, complexidade, imprevisibilidade e justiça social (entre outras!).

Acreditamos, por fim, que uma linguística aplicada comprometida com o seu tempo deve se colocar em movimento contínuo e autorreflexivo, na busca por uma agenda política e transformadora (FRABRICIO, 2006). Somente assim poderemos ressignificar a língua(gem) de algo incapacita para algo que empodera (BLOMMAERT, 2013), dando visibilidade às vozes marginais do Sul e decolonizando os saberes epistêmico-metodológicos dominantes.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, A; NATAL, G; VIANA, L. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Cadernos da Escola de Comunicação*, n. 6, p. 1-12. 2008.

BLOMMAERT, J. *The sociolinguistics of globalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BLOMMAERT, J.; RAMPTON, B. Language and Superdiversity. *Diversities*, v. 13, n. 2, UNESCO, 2011.

BLOMMAERT, J. *Citizenship, language and superdiversity: towards complexity*. Working Papers in Urban Language & Literacies. Universiteit Gent, 2013.

BUSCH, B. *Linguistic repertoire and Spracherleben, the lived experience of language*. Working Papers in Urban Language & Literacies. Paper 148. 2015. Disponível em: <[https://pdfs.semanticscholar.org/dcfa/d7c1e143d6aef2429fb7a04e00385f4a9d86.pdf?\\_ga=2.108102666.986441168.1588113033-375845220.1587663628](https://pdfs.semanticscholar.org/dcfa/d7c1e143d6aef2429fb7a04e00385f4a9d86.pdf?_ga=2.108102666.986441168.1588113033-375845220.1587663628)>. Acesso em: 19 abr. 2019.

CANAGARAJAH, S. *Translingual Practice: Global Englishes and Cosmopolitan Relations*. London and New York: Taylor & Francis Group, 2013.

CANAGARAJAH, S. Theorizing a Competence for translingual practice at the contact zone. In: MAY, S. (ed.). *The multilingual turn: implications for SLA, TESOL and Bilingual education*. New York: Routledge. p. 78-102, 2014.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y.S. Introduction: Entering the Field of Qualitative Research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. (Orgs.). *Handbook of Qualitative Research. California*, SAGE Publications, p. 1-17, 1994.

DURANTI, A. Linguistic anthropology: the study of language as a non-neutral medium. IN: MESTHRIE, R. *The Cambridge Handbook of Sociolinguistics*. Cambridge: CUP, p.20-46, 2011.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de “desaprendizagem”: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. da (Org.). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, p. 45-65, 2006.

FABRICIO, B. F; MOITA LOPES, L. P. Viagem textual pelo sul global : ideologias linguísticas queer e metapragmáticas translocais. *Linguagem em (dis)curso* (online), v. 18, p. 769-784, 2018.

FANON, F. *Peles negras, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 1983.

GARCÍA, O. *Bilingual Education in the 21<sup>st</sup> century: a Global Perspective*. Malden/Oxford, Basil/Blackwell, 2009.

GARCÍA, O.; WEI, L. *Translanguaging: Language, Bilingualism, and Education*. London: Palgrave Macmillan, 2014.

INOCENCIO, L. E; LOPES, C. P. ‘Brace yourselves, the zuera is coming: memes, interação e reapropriação criativa dos fãs na página *Game of Thrones da Depressão*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Natal: RN, p. 01-15, julho, 2015.

JACQUEMET, M. Transidiomatic practices: language and power in the age of globalization. *Language and communication*, n. 25, p. 257-277, 2005.

KOZINETTS, R. V. Netnography 2.0. In: BELK, R. *Handbook of Qualitative Research Methods in Marketing*. Edward Elgar Publishing, p. 279-288, 2007.

KUMARAVADIVELU, B. A linguística aplicada na era da globalização. In: MOITA LOPES, L. P. *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo-SP: Parábola Editorial, p. 129-148, 2006.

LEE, J. W. *The Politics of Translingualism: After Englishes*. Nova York: Routledge, 2017.

MIGNOLO, W. *Histórias Locais, Projetos Globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Trad. Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MIGNOLO, W. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, E. (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: Clacso, p.71-103, 2005.

MOITA LOPES, L. P da. (Org.). *Linguística aplicada na modernidade recente: festschrift para Antonieta Celani*. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2013.

MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo-SP: Parábola Editorial, 2006.

PENNYCOOK, A. *Language as local practice*. New York: Routledge, 2010.

PINTO, J. P. Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades. *DELTA* [online]. v. 23, n. 1, p. 1-26, 2007.

PIRES-SANTOS, M. E. “Portunhol Selvagem”: translinguagens em cenário translúngua/transcultural de fronteira. *Gragoatá*, Niterói, v. 22, n. 42, p. 523-539, 2017.

OLIVEIRA, P. N. R. *Práticas translúguas na paisagem linguística de Juiz de Fora/MG*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

OLIVEIRA, D. P; NASCIMENTO, A. M. Translinguajamento: pensando entre línguas a partir de práticas e metadiscursos de docentes indígenas em formação superior. *A cor das letras*. Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação do Departamento de Letras e Artes da UEFS, Feira de Santana, v. 18, n. 3, p. 254-266, 2017.

SANTOS, A. S. *Enunciado de Des/reterritorializados e a (Des)legitimação do Paradigma Monolíngua*. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal do Mato Grosso, Mato Grosso, 2017.

SOARES, M. S. “Só barulho do spray foscando algum tom”: os grafismos urbanos na Paisagem sociolinguística da cidade de Juiz de Fora/MG. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Juiz de Fora, 2018.

SOUZA, F. M; SILVA, A. C. P; MENEZES, R. D. Redes sociais e a linguagem on-line: algumas contribuições dos memes para o ensino de línguas. In: CASTRO, P. A. (Org.). *Atualizações na profissionalização docente: PIBID/UEPB*. UEPB, Campina Grande, p.255-269, 2018.

VERTOVEC, S. *Super-diversity*. London & New York: Routledge, 2006.

ZOLIN-VEZ, F. Como ser feliz em meio ao portunhol que se produz na sala de aula de espanhol: por uma pedagogia translíngue. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, v. 53, n. 2, p. 321-332, 2014.

WEI, L. Translanguaging as a practical theory of language. *Applied Linguistics*, v. 39, p. 9-30, 2018.

Recebido em: 31 out. 2019.

Aceito em: 10 abr. 2020.